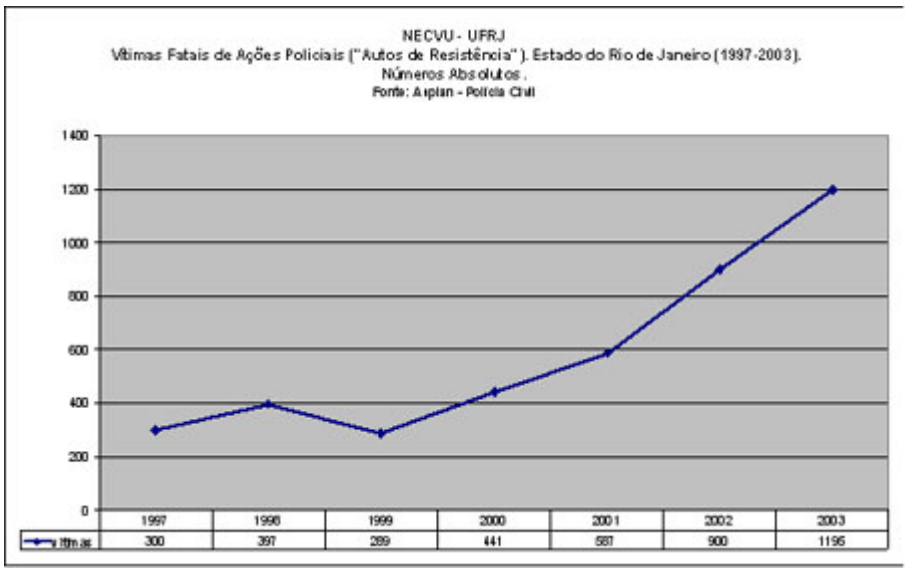
Como desarmar a violência policial?
04/03/2004 - 12:47 - Michel Misse*

É sabido o quanto tem aumentado o número de pessoas mortas pela polícia no Brasil nos últimos anos. Essas mortes não são classificadas como crimes, mas como resultado de operações legais de segurança, registradas como "autos de resistência". Os números do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, são impressionantes:



Para que se tenha uma idéia, basta dizer que nos Estados Unidos, em todo o ano de 2001, foram mortos pela polícia menos de um terço dos civis mortos pela polícia fluminense em 2003. Por que toda essa violência? Como desarmá-la sem desarmar a polícia? Não é fácil responder a questões como essas sem pesquisas e conhecimento acumulado. Aqui vou oferecer apenas um rascunho do problema.

Desde a criação dos chamados "esquadrões da morte", ainda nos anos 50, a fama de violência da polícia carioca e fluminense só fez crescer. São inúmeros os relatos que confirmam que não apenas a polícia mas uma parte significativa da sociedade fluminense sempre acreditou que torturar e matar bandidos era uma solução para a criminalidade. Ao aumento das soluções violentas, muitos bandidos responderam com mais violência. A desvalorização da vida humana, implícita nessas idéias, contribuiu sem dúvida alguma para essa espiral de violência, que também atinge cada vez mais policiais – foram 160 os que morreram assassinados apenas no ano passado no Estado do Rio de Janeiro.

Há uma reconhecida correlação entre violência, corrupção e impunidade. A indiferença da sociedade pela sorte dos bandidos acabou por tornar os bandidos indiferentes à sorte de suas vítimas potenciais e indiferentes mesmo à sua própria vida. À impunidade de policiais violentos e corruptos somaram-se os mesmos fatores que fazem os bandidos: a cultura do machismo, o ethos da guerra, a valorização da força física e da tecnologia da rapidez e da resistência (nos carros), do alcance e da letalidade (nas armas), do domínio e da virilidade (na relação sexual), do dinheiro e do status (nas relações sociais). A associação entre violência e virilidade potencializou-se com as novas tecnologias, sob uma cultura de alianças baseadas na "fraternidade" masculina, corporativa ou quadrilheira. Vínculos de lealdade e, na sua falha, a estratégia da ameaça e do medo, da subordinação pela força, reforçaram a lei do silêncio e, por conseguinte, a impunidade. Eis aí um ambiente propício à emergência e difusão de comportamentos sádicos, puramente cruéis, do prazer em fazer sofrer o outro, de se fazer piada do

sofrimento alheio, de se desvalorizar a lei em nome de uma justiça pessoal e, muitas vezes, sanguinária, com a certeza da impunidade.

A lógica da vingança, associada à oferta de proteção nos mercados ilegais de drogas, vícios e prazeres, completa o quadro de horror em que se transformaram as relações entre polícia e bandido no Rio de Janeiro. Um exemplo, entre muitos: um policial prende um "soldado" de uma facção do tráfico e o "vende" à facção inimiga, que irá torturá-lo e matá-lo. Outro exemplo, do lado oposto: um assaltante mata a vítima apenas porque descobriu que ela era policial.

Toda essa violência encontra eco em parte da sociedade. Não se pense que a violência policial é solitária e desamparada. Parte da sociedade civil a defende, a apóia e a incentiva. Até mesmo perdemos, com o tempo, a medida das questões. Na mídia, por exemplo, reproduz-se o estado a que chegamos: a autoridade pública confirma que o morto era traficante e não um popular qualquer, como se o fato de ser traficante isentasse naturalmente a ocorrência de qualquer vestígio de crime. "Menos um", repetem porteiros de prédio, cabeleireiros, donas de casa, militares, comerciantes, funcionários de autarquias, empresários – diante do cadáver do bandido morto. Não importa que ele tenha sido executado, importa que ele era bandido e isso basta para justificar seu assassinato. Se ele resistiu à polícia, colocando em risco sua própria vida, tanto melhor: merecia morrer. Mas ninguém se pergunta por que um ladrãozinho de merda prefere perder a vida a pegar uma pena de 5 ou 8 anos de cadeia, quando muito. Ninguém se pergunta por que ele prefere o confronto com a polícia a responder legalmente por seus crimes e isso num país em que se acha que se condena poucos criminosos.

Como desarmar a violência policial se os bandidos se armam cada vez mais e matam cada vez mais policiais? Como foi que chegamos a esse ponto? Recuemos aos anos 50, e aos esquadrões, e encontraremos uma parte da resposta. Recuemos aos 60, e à ditadura, e encontraremos outra parte da resposta. Recuemos aos 70, e à entrada da Polícia Militar no policiamento ostensivo, e encontraremos ainda outras respostas. Quando ligarmos tudo isso ao incremento dos assaltos a banco no mesmo período e à chegada da cocaína colombiana, com sua alta taxa de lucro, às favelas cariocas – teremos quase todos os ingredientes que nos permitirão compreender como se acumulou a violência policial no Rio de Janeiro. E uma chave importante para se chegar a saber como desarmá-la.

* *Michel Misse é sociólogo, coordenador do Núcleo de Estudos da Cidadania, do Conflito e da Violência Urbana da Universidade Federal do Rio de Janeiro*

Ver também:

Pesquisadores analisam prática policial no Rio de Janeiro
http://www.desarme.org/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3139&tpl=printerview&sid=16

FONTE:
MISSE, Michel . Como desarmar a violência policial? **Desarme: Notícias/Opinião.** Rio de Janeiro, 04 de março de 2004.
Disponível em :
< **http://www.desarme.org/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=3139&tpl=printerview&sid=16>**
Acesso em 05/03/2004.